

<https://youtu.be/HL5PrBrgru4>

Meu nome é Lisa K.

Quando eu tinha 47 anos, numa terça-feira de manhã, enquanto eu colocava a louça na máquina de lavar, um guia chegou. Não houve nenhum aviso, nenhum momento dramático. Um segundo.



Eu estava enxaguando uma xícara de café, pensando nas reuniões de pais e professores que eu teria naquela tarde. No segundo seguinte, ouvi um pequeno estalo estranho atrás dos meus olhos. Não foi alto. Foi suave, como uma lâmpada se apagando. O mundo simplesmente inclinou-se. O som da água corrente desapareceu, como se alguém estivesse lentamente diminuindo o volume da minha vida, e então tudo ficou escuro antes daquele momento.

Minha vida era completamente maravilhosa. Chata e normal. Moro em uma pequena cidade na Carolina do Norte. Meu marido Brandon e eu estamos casados há 23 anos. Temos dois filhos. Nosso filho, Tyler, está no primeiro ano da faculdade e nossa filha Katie está no ensino fundamental.

Eu trabalhava como auxiliar de professora na escola primária local. Eu adorava. Adorava o cheiro de giz de cera e o som das crianças rindo no corredor. Minha vida era uma lista simples de coisas a fazer: trocar o óleo da van, descobrir o que fazer com a torneira que vazava embaixo da pia, ajudar Katie com seu projeto de história, orar antes do jantar e orar antes de dormir.

Minha fé era algo tranquilo, como um cobertor velho e confortável. Eu a guardava em um baú. Eu acreditava em Deus. Eu acreditava em Jesus, mas ele parecia distante, como uma figura histórica. Você não respeita alguém com quem conversa enquanto lava a louça. Eu era apenas uma pessoa comum tentando ser boa, pagar as contas e criar filhos decentes.

Nunca pensei que algo assim pudesse acontecer comigo. Achei que isso fosse para outras pessoas, para histórias que você vê na internet, mas aconteceu.

Em um momento, eu estava na minha cozinha e, no outro, não estava mais. Não senti dor. Toda a pressão que sentia na cabeça simplesmente desapareceu. Senti-me leve. Estava flutuando. Olhei para baixo e o que vi não fazia sentido. Vi minha cozinha. Vi as cortinas amarelas na janela e a torrada meio comida na bancada, e vi a mim mesma. Estava no chão, deitada ao lado da máquina de lavar louça, com as mãos ainda segurando uma caneca de café azul.

Era tão estranho. Não havia medo. Era como assistir a um filme sobre outra pessoa. Ouvi um som, um grito abafado. Meu marido Brandon correu para a sala. Ele se ajoelhou e começou a me sacudir, gritando meu nome. "Lisa. Lisa. Acorde. Oh Deus, Lisa!" Eu podia ver o terror em seu rosto.

Eu queria dizer a ele: está tudo bem, querido. Estou bem aqui, mas não tinha voz. Não tinha corpo. Eu estava apenas lá, observando.

Então senti um puxão, um puxão gentil e amoroso, não do meu corpo no chão, mas de outro lugar. A cozinha começou a desaparecer como uma fotografia perdendo a cor. O som da voz do meu marido ficou distante. Eu não estava com medo. Parecia que estava sendo chamada para casa. Me vi em um lugar sem paredes, sem teto, sem chão. Não estava escuro, mas também não estava claro. Era apenas tranquilo, uma paz profunda e silenciosa que nunca senti na Terra.

Era um silêncio cheio de amor. Senti que finalmente podia descansar. Como se todas as preocupações que eu já tive com dinheiro, com meus filhos, com se eu era uma esposa ou mãe boa o suficiente Tudo simplesmente desapareceu. Não importava mais. Então, à minha frente, vi uma luz. Começou pequena, como uma única estrela à distância, mas cresceu e, à medida que crescia, ficava mais quente. O calor envolveu-me como um abraço da minha própria mãe. Era a sensação de estar completamente segura, completamente compreendida.

Comecei a mover-me em direção a ela, ou talvez fosse ela que se movesse em direção a mim. Não sei. Tudo o

que eu sabia era que queria estar naquela luz mais do que jamais quis qualquer coisa na minha vida. À medida que a luz se aproximava, pude ver que não era apenas luz. Era uma pessoa, um homem. Ele era feito de uma luz que estava viva. Ela girava e se movia com cores que eu nunca tinha visto. Era mais brilhante que o sol, mas não machucava meus olhos. Eu podia olhar diretamente para ele.

Ele não usava uma túnica branca ou sandálias como nas pinturas. Ele era apenas luz e amor na forma de um homem. Seu rosto, não consigo descrevê-lo perfeitamente. Era antigo e jovem ao mesmo tempo. Seus olhos continham todas as estrelas do universo e estavam olhando diretamente para mim e, naquele olhar, eu fui reconhecido.

Todos os segredos que eu guardava, todos os pensamentos vergonhosos, todas as vezes que fui cruel, todos os erros que cometi. Ele viu tudo e não apenas viu. Ele entendeu e não me julgou. Ele apenas me amou. O amor que emanava dele era uma força física. Ele me atingiu como uma onda e eu comecei a chorar. Não eram lágrimas de tristeza, mas de alívio.

O alívio de estar em casa. Não precisei perguntar quem ele era. Eu sabia que minha alma sabia que era Jesus. Sua voz não era algo que eu ouvia com meus ouvidos. Era um sentimento que florescia dentro do meu peito. Um pensamento mais claro do que qualquer palavra falada.

“Bem-vinda, Lisa.” Sua voz era o som de mil cachoeiras e um sussurro tranquilo ao mesmo tempo. “Você está em casa, fique em paz.”

Senti como se cada pedaço quebrado de mim estivesse sendo recomposta. Ficamos ali por um longo tempo e ele me deixou absorver sua paz. Pareceu uma eternidade e um segundo ao mesmo tempo. Então ele olhou para mim com tanta ternura e eu soube que estávamos prestes a conversar sobre a minha vida. Senti um lampejo do meu antigo medo terreno, um teste, um julgamento. Eu me preparei, mas não foi o que eu esperava. Ele não tirou um pergaminho ou um grande livro com uma lista dos meus pecados. Ele apenas olhou para o meu coração.

Ele disse: “Tenho três perguntas para você, pequena. São perguntas que faço a todos.” Lembro-me de pensar: “Que terrível”. Não porque ele fosse assustador. Ele era o oposto de assustador, mas porque eu sabia que as respostas viriam da parte mais profunda da minha alma e eu não seria capaz de esconder nada.

Ele se inclinou e a luz ficou mais quente. A primeira pergunta que ele fez gentilmente foi: “Você me deixou te amar?”

Eu parei. A pergunta me confundiu. Achei que seria: você me amou? Comecei a responder da mesma forma que responderia na Terra. Eu tentei, Senhor. Eu fui à igreja. Eu orei. Eu li a Bíblia.

Às vezes, ele levantava a mão e a luz dela me silenciava. “Foi assim que você tentou me amar. Estou perguntando: você me deixou te amar?”, e então ele me mostrou.

Não foi como assistir a um filme. Foi como reviver os sentimentos. Eu me vi de joelhos orando, mas meu coração estava fechado. Eu estava dizendo a Deus o que eu precisava, o que me preocupava, o que me desolava, mas nunca parei para deixar o amor dele entrar.

Ele me mostrou um momento de apenas algumas semanas antes. Eu tinha cometido um erro no trabalho, um pequeno erro, mas me senti tão estúpida. Passei a noite inteira me culpando, sentindo um peso enorme de vergonha, e ele me mostrou que estava ali comigo, seu amor se derramando sobre mim como um rio dourado e quente. Mas eu estava tão ocupada me sentindo envergonhada, tão focada no meu próprio fracasso, que construí uma pequena barragem dentro do meu coração. Eu não deixava o amor dele entrar para curar aquele lugar quebrado. Eu não me sentia digna disso.

Vi tantos momentos assim, momentos em que eu estava ocupada demais, distraída demais, culpada demais ou orgulhosa demais para simplesmente ficar quieta e receber o amor que sempre, sempre me era oferecido. Eu estava tentando ganhar um amor que já era meu de graça. Lágrimas encheram meus olhos. Olhei para ele e finalmente entendi que não se tratava de ser boa o suficiente. Tratava-se de ser aberta o suficiente. “Não”, sussurrei. “Eu não fiz isso, não realmente. Eu não sabia como.” Seu sorriso era pura graça. “É a coisa mais difícil e mais simples de se fazer”, disse ele. “Apenas ser amado.” Então ele olhou para mim novamente.

Seu olhar ficou ainda mais profundo. A segunda pergunta, disse ele, sua voz um pouco mais séria agora. “Você me viu e às pessoas que enviei a você novamente?” Eu queria dar a resposta da igreja. “Tentei ser gentil. Senhor. Fui voluntária na campanha de arrecadação de alimentos. Fui gentil com meus vizinhos.”

Ele não me interrompeu dessa vez, mas me mostrou a verdade por trás das minhas palavras. Ele me mostrou um dia no inverno passado. Eu estava no supermercado e havia um homem do lado de fora pedindo dinheiro. Ele estava sujo e cheirava mal. Lembro-me de sentir uma mistura de pena e irritação. Deixei cair uma moeda no copo dele, mas evitei olhar nos olhos dele. Eu só queria ir embora.

Mas então Jesus me mostrou aquele homem novamente. Desta vez, ele me deixou ver o que ele via. Ele me mostrou a pequena centelha de luz dentro do peito daquele homem, uma pequena chama divina que estava dentro dele, assim como estava dentro de mim. Ele me mostrou a dor do homem, sua solidão. Ele me mostrou que por trás da sujeira e do cheiro havia um filho de Deus sofrendo, e naquele momento eu vi o rosto de Jesus no rosto daquele homem. Eu tinha passado direto por ele.

Ele me mostrou minha colega de trabalho que ficava fofocando o tempo todo. Eu vi como eu sorria educadamente, mas secretamente a julgava. Ele me mostrou que as fofocas dela vinham de uma profunda e dolorosa solidão. Ele também estava nela, pedindo compaixão.

Ele me mostrou meu próprio Brandon. Uma noite, ele estava tentando me contar sobre um problema no trabalho. Eu estava ouvindo apenas pela metade, navegando no meu celular, pensando na minha própria lista de tarefas. Vi a expressão em seu rosto quando ele percebeu que eu não estava realmente presente com ele. Jesus estava no apelo do meu marido por conexão e eu não o tinha percebido. Vi cena após cena, o caixa rude na loja, o pai difícil na escola. Até mesmo minha própria filha, Katie, quando estava tendo uma crise adolescente.

Em cada pessoa que eu achava difícil, inconveniente ou invisível, ele estava lá, olhando para mim, pedindo para ser visto. Desta vez, comecei a soluçar. Era um choro profundo e triste. “Eu não te vi”, eu disse. “Eu vi as falhas deles. Eu vi meu próprio julgamento. Eu não procurei por você. Sinto muito.”

Seu amor inundou minha tristeza. Não apagou a verdade, mas a cobriu com misericórdia, meu azulejo. Ele disse: “O mundo inteiro está cheio de mim, escondido à vista de todos. Sua única tarefa é olhar com os olhos do seu coração”. Parei por um momento. Senti o peso dessa verdade. Isso mudou tudo.

Finalmente, olhei para ele, pronta para a última pergunta. Seus olhos estavam cheios de uma profunda tristeza e um amor ainda mais profundo. “E a terceira pergunta, Lisa”, disse ele, sua voz agora um sussurro suave. “O que você fez com as feridas?”

Admiti que, a princípio, não entendi minhas feridas. Pensei nas cicatrizes no joelho, de quando caí da bicicleta quando era criança, mas sabia que não era isso que ele queria dizer. Ele me mostrou a ferida mais profunda da minha vida. Quando eu tinha 19 anos, meu pai morreu de ataque cardíaco. Foi repentino, assim como minha própria morte. Isso me destruiu por anos. Carreguei essa dor como uma pedra afiada e pesada no bolso. Nunca falei sobre isso. Construí uma parede ao redor dessa parte do meu coração para que ninguém pudesse tocá-la. Achava que isso era ser forte.

Jesus me mostrou essa ferida, essa pedra escura e pesada na minha alma. Mas então ele me mostrou outra coisa. Ele me mostrou uma jovem com quem trabalhei no ano passado. O pai dela tinha acabado de ser diagnosticado com câncer. Lembro-me dela me contando sobre isso. Seus olhos se encheram de medo. Eu disse: “Sinto muito” e dei um tapinha no braço dela, mas não disse mais nada. Não disse que a entendia. Não compartilhei minha própria história. Não ofereci a ela a sabedoria que minha própria dor me ensinou. Jesus me mostrou minha pedra, minha ferida.

Então ele me mostrou que minha dor era para ser uma ponte. Era um presente que eu poderia ter usado para cruzar o coração dela e confortá-la de uma forma que ninguém mais poderia, mas eu guardei para mim. Guardei minha ferida em vez de compartilhá-la. Ele me mostrou que nossas dores mais profundas não são punições. São tarefas. São as ferramentas que ele nos dá para curar os outros.

A solidão que você sente tem o objetivo de ajudá-lo a confortar outra pessoa que se sente sozinha. O fracasso que você experimentou tem o objetivo de lhe dar a humildade para levantar outra pessoa que fracassou. A dor

que partiu seu coração é exatamente o que pode tornar seu coração grande o suficiente para conter a dor de outra pessoa.

Eu vi isso tão claramente durante toda a minha vida. Eu estava tentando esconder minhas feridas. Eu achava que elas me tornavam fraca. Jesus me mostrou que elas foram feitas para ser minha maior força. Fiquei sem palavras por um segundo. Eu apenas chorei. Eu havia falhado nas três perguntas. Eu não deixei que ele me amasse. Eu não o vi nos outros e desperdicei o poder da minha própria dor. Eu me senti um fracasso completo.

Olhei para ele esperando ver decepção, mas não havia nenhuma. Havia apenas amor, um amor tão profundo e tão amplo que podia conter todos os meus fracassos e ainda assim me chamar de “Linda Lisa”. Ele disse, puxando-me para um abraço de pura luz: “Isso não é um julgamento. É um despertar. Essa é a lição da vida. Não se trata de ser perfeito. Trata-se de aprender a amar”.

“Agora, você sabe que eu queria ficar lá para sempre.” Eu implorei a ele, por favor. Chorei em sua luz. “Não me faça voltar. Quero ficar com você. Estou tão cansada.” Ele me abraçou e senti como se fosse o primeiro descanso verdadeiro que eu já tivesse tido. “Eu sei, pequena, mas seu trabalho não está concluído. Sua família precisa de você. Eles precisam aprender como é o amor. Você viu isso. Agora vá e mostre a eles. Vá e viva as respostas para essas perguntas.”

Senti a dor de deixá-lo. Foi a tristeza mais profunda que já senti. Era bom demais para partir, mas eu sabia que precisava ir. Ele sorriu para mim uma última vez, seus olhos dizendo: “Estarei com você”.

E então senti aquela atração novamente. Mas, desta vez, era para longe da luz. A paz começou a desaparecer e os ruídos do mundo começaram a voltar. Eu ofeguei. A primeira coisa que senti foi uma dor terrível na cabeça e no peito. A luz era ofuscante. Era a luz fluorescente de um quarto de hospital. Uma máquina ao meu lado apitava freneticamente. Uma mulher de jaleco gritava: “Temos pulso. Ela voltou. Ela voltou”.

Meu marido estava lá. Com o rosto enterrado nas mãos, soluçando. Ele olhou para cima quando ouviu a enfermeira, com os olhos arregalados de descrença. Ele correu e agarrou minha mão. “Lisa, você pode me ouvir?” Tentei falar, mas minha garganta estava rouca. Apenas acenei com a cabeça. Eu estava muito confusa. Em um segundo eu estava com Jesus. No outro, estava nessa sala fria e barulhenta. Comecei a chorar. Mas dessa vez as lágrimas eram diferentes. Eram lágrimas de perda pelo lugar que eu acabara de deixar e lágrimas de gratidão imensa por uma segunda chance. Os médicos não conseguiam explicar. Disseram ao Brandon que eu tive um aneurisma cerebral grave. Disseram que eu fiquei clinicamente morta por pelo menos 11 minutos.

Estavam se preparando para dizer à minha família que eu tinha falecido. Disseram que não havia nenhuma razão médica para eu estar viva, muito menos sem nenhum dano cerebral. Continuaram usando a palavra milagre, mas eu sabia o que era. Era um presente. Já faz um ano desde aquele dia. Minha vida parece praticamente a mesma por fora. Ainda moro na mesma casa. Ainda trabalho na mesma escola, mas por dentro, tudo está diferente.

Voltei com uma mensagem. É uma mensagem para você. São as três perguntas que ele me fez.

1. Ele quer que eu pergunte primeiro: você está permitindo que ele te ame neste momento, não importa o que você tenha feito, não importa o quanto você sinta que o amor dele é um rio que se derrama sobre você? Você vai continuar construindo barragens ou vai deixar ele entrar?

2. Segundo. Onde ele está se escondendo na sua vida? No rosto da pessoa que mais te irrita, no pedido de ajuda de um amigo, nos olhos de um estranho na rua. Você está disposto a procurá-lo? Ele está lá. Eu prometo que ele está lá.

3. E, por último, e quanto à sua ferida mais profunda? A dor que você esconde de todos, a coisa que o quebrou? Você vai continuar guardando-a como um tesouro ou vai deixar Deus transformá-la em remédio para um mundo ferido?

Essas perguntas parecem assustadoras à primeira vista, mas agora percebo que são um roteiro. Um roteiro de volta ao coração de Deus. O céu é real e o amor que espera por você lá é mais bonito do que você pode imaginar, mas você não precisa esperar até morrer para experimentá-lo. Ele está pedindo que você viva nesse amor hoje. Ele não está esperando para julgá-lo. Ele está esperando para amá-lo. Por favor, apenas deixe-o entrar.